Anno VI — Rio de Janeiro. 3-3-1900 — Nº 118

DON QUIXOTE

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA RIO DE JANEIRO

Publicado por Angelo Agostini
Largo da Carioca nº 4 (Sobrado.)

O Carnaval d'este anno! E durante os tres dias...!!!

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 3 de Março de 1900

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

=):(=

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25$000	Anno	30$000
Semestre....	14$000	Semestre.....	16$000

NUMERO AVULSO 1$000

EXPEDIENTE

Agradecendo a todos os assignantes dos Estados que mandaram satisfazer a importancia de suas assignaturas, rogamos aos que ainda não o fizeram o obsequio de seguir tão bom exemplo, certos de que muito lhes ficaremos agradecidos.

——

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como premio os numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

——

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escriptorio—Largo da Carioca n. 4, sobrado.

UMA EXPLICAÇÃO

O artigo intitulado 24 DE FEVEREIRO publicado no nosso ultimo numero causou certa impressão no espirito de um dos nossos mais illustres defensores da patria, e tambem no de dois membros do nosso clero, egualmente illustres e reverendos.

As duas cartas que abaixo publicamos constituem a maior prova de que os conceitos que emittimos, sempre baseados em factos materiaes ou moraes, terrestres ou celestes, deste ou do outro mundo, são sempre tidos em alta consideração, o que muito nos agrada, apezar de nem sempre estarem ao sabor de alguns leitores mais ou menos escamados e que tomam a nuvem por Juno, o que devéras estranhamos!...

Onde é que os illustres e reverendos viram injurias e insensatez? Confessam então ser verdade o que dissemos?

E' sabido que só as verdades é que doem, nunca as pilherias ou os gracejos...

No artigo em questão referimo-nos por vezes ao clero e egualmente a S. Antonio, justamente irritados por terem tirado a este sua patente de tenente-coronel e sobretudo o soldo, religiosamente recebido pelos padres durante mais de dois seculos.

Será por ter dito que esse acto de impiedade praticado pelo governo republicano é a causa das calamidades que affligem o paiz?

N'este caso o collega d'*A Noticia* é o culpado; foi elle, primeiro que nós, quem assim o deu a entender dizendo: «A Republica não andou talvez muito bem em ter despojado Santo Antonio da sua patente.»

O facto de acompanharmos o nosso distincto collega em seus sentimentos religiosos, póde lá constituir alguma injuria ou insensatez?

Si a reverendissima colera destes dois illustres membros do nosso clero é devida a termos declarado no dito artigo estarmos promptos a receber o tal soldo, desde já desistimos.

De modo algum queremos crear embaraços, quando chegar a hora fatal e nunca assaz longinqua de passarmos d'esta para outra vida!

Queremos e sem o menor constrangimento, uma vez chegados á porta do Paraiso, pedir em alta e sonora voz: *Cordon s'il vous plaît?*

E vêr apparecer o veneravel e velho *pipelet*, S. Pedro, abrindo a porta e egualmente os braços para receber-nos em seu seio, como bons christãos que somos.

Não comprehendemos, portanto, essa clerical escamação dos dois reverendos que nos honraram com sua missiva.

Será devida ao que disse o velho apostolo por occasião da entrada do Americo de Campos no Paraiso, onde este se apresentou sem nenhum passaporte passado pela Egreja Catholica Apostolica e Romana?

A culpa não é nossa si S. Pedro enganou-se na conta dos padres que foram parar no inferno.

Os reverendos, apezar de escamados, não podem ter a pretensão de fazer acreditar que, por aquellas alturas ou funduras incandescentes, não estejam a arder algumas batinas e até mitras.

Não podemos crer que o bispo de Beauvais, Pierre Cauchon, que mandou queimar viva Joanna d'Arc, esteja no Paraiso ao lado da heroica *pucelle*!

Muitos arcebispos, cardeaes, e até papas...

Mas, iriamos muito longe si fossemos fallar de todos os mitrados e papados, isto é, tiarados que andam a aquecer-se nas caldeiras de Pedro Botelho.

Si o numero d'estes foi exagerado, é possivel que isto seja devido a um erro da nossa reportagem celeste, que naturalmente distrahiu-se lá no Paraiso, atirando confettis e bisnagando santos e santas, certos de que naquellas alturas ninguem se importa com a prohibição do nosso chefe de policia Enéas Galvão.

E' muito provavel, pois, que todos os santos correspondessem, dando outras bisnagadas mais valentes ainda, o que constituiu um verdadeiro entrudo, cujas humidas consequencias fizeram-se sentir n'esta cidade durante os tres dias de carnaval.

——

Para castigo dos nossos peccados, transcrevemos a carta com que nos honraram os illustres reverendos:

«Rio, 28 de Fevereiro de 1900.

Illm. Sr. Angelo Agostini. — Chegando hoje á nossa casa, á rua da Misericordia n. 72, encontrámos o incluso numero da vossa revista, a qual contém phrases que nós reputamos insensatas e mesmo injuriosas ao clero, a cuja classe temos a honra de pertencer.

Por isso a devolvemos, estando promptos á pagar os numeros recebidos, este anno, cuja conta esperamos.

De V. S. somos respeitadores — Padre Jeronymo Rodrigues, por si e por seu irmão monsenhor Eduardo Rodrigues. — Misericordia 72.»

——

«Illm. Sr. Angelo Agostini.—Em vosso sempre apreciado jornal de 24 de Fevereiro escrevestes:

«Seguiu-se a custodica revolta de Mello, que o marechal Floriano combateu com toda a energia e com todo o dinheiro recolhido no Thesouro Nacional, distribuindo aos seus defensores a effigie de D. Pedro II emmoldurada em notas de diversos valores.

Justiça seja feita *a esses valentes republicanos da legalidade;* os retratos de D. Pedro II estampados nas notas do Thesouro, foram acceitos *com especial agrado e até com enthusiasmo, e não ha exemplo de nenhum d'elles ter faltado ao respeito devido ao velho monarcha brasileiro, ras-*

gando ou inutilisando qualquer d'essas notas.»

(O grypho é meu.)

O final do segundo periodo citado deve ser rectificado por amor da verdade, que com o *ridendo castigat mores* doutrinaes.

Fui na vossa expressão um d'esses «*valentes republicanos da legalidade*», e garanto-vos que havendo — Tenente-coronel honorario do exercito — servido durante a revolta da esquadra no porto do Rio de Janeiro, jamais *recebi dos cofres publicos e sob qualquer pretexto paga alguma.*

Vêde, pois, Sr. redactor, que um ingenuo ou. . . houve que não recebeu *com especial agrado e até com enthusiasmo* as notas do Thesouro com a effigie de D. Pedro II, e que, portanto, não as poderia *rasgar ou inutilisar*. . .

Da rectificação, que vos peço, preciso, porque imputa ella a reivindicação de um serviço meu, serviço que faz parte do meu e do patrimonio da Patria.

Bem sei, e *por dolorosas provações*, que taes serviços nada valem nos tempos que atravessamos e, que pelo contrario, *os que os possuem são desconsiderados e perseguidos e condemnados.*

Acceitando e dando publicidade á rectificação que faço, constitui vosso devedor um velho que desde 16 annos de edade presta serviços á Patria, já na guerra, já na paz.

O Voluntario da Patria

CORONEL ALEXANDRE RODRIGUES BARROZO.

Rio, 1 de Março de 1900.»

O CARNAVAL

Acabaram a folia carnavalesca e os atroadores *bum bum bum* que tanto castigavam nossos ouvidos e moiam nossa paciencia durante o carnaval, e até dias antes.

O tempo mostrou-se pouco cortez, enviando nos tres dias consagrados ao deus Momo miuda e impertinente chuva, que esfriou um tanto o ardor carnavalesco dos sectarios e adoradores d'esse deus pandego, mas não a ponto de impedir os Zé Pereiras de percorrerem toda a cidade rufando nos tambores e. . . bumbando nos bumbos com uma coragem e valentia dignas de maior louvor.

Eram realmente admiraveis esses incansaveis mascarados, que não recuavam nem diante da chuva nem da lama, zépereirando em todas as ruas e praças horas e horas seguidas.

Na terça-feira á noite algumas estrellas, naturalmente curiosas de verem o que se passava cá por baixo, ou talvez por ouvirem dizer que varias sociedades carnavalescas iam sahir á rua com carros allegoricos, guardas de honra a cavallo, socios fantasiados, repimpados em numerosos carros, etc., etc., trataram de dissipar as nuvens que lhes interceptavam a vista e assim, tanto do alto do firmamento como dos sobrados das casas, os prestitos foram admirados e applaudidos, ficando substituida a chuva celeste por uma multicolor de confettis, mais secca e menos incommoda.

——

Para não causar ciumes, não citamos o nome de nenhuma sociedade carnavalesca. Si involuntariamente esquecessemos alguma, ninguem imagina o que poderia acontecer! Seriamos talvez obrigados a fugir do Rio de Janeiro e não poder mais dar o *D. Quixote* aos nossos assignantes!

Nunca vimos tamanha sensibilidade em classe alguma coma na dos foliões carnavalescos!

Ha alguns annos, no tempo em que as sociedades se apresentavam com todo o fulgor, rivalisando cada uma em luxo, espirito e idéas criticas representadas em papelão pintado e dourado, sobre carros ricamente ornados e enfeitados, achavamo-nos, assim como alguns collegas de imprensa no grande salão de uma d'essas sociedades.

Era n'uma terça-feira de carnaval e pouco antes da meia-noite. Socios e damas fantasiados com diversos e ricos costumes tinham deixado o prestito de que faziam parte e já estavam dando que fazer ás gambias em vertiginosa valsa, ao som de uma excellente e numerosa orchestra.

Era extraordinario o numero de socios e convidados; não foi sem receber uns poucos de encontrões e não sei quantas cotovelladas, que conseguimos sahir do grande salão todo enfeitado, e no centro do qual ostentava-se triumphante o estandarte do club, coberto de coroas recebidas durante o passeio triumphal que déra o prestito pelas ruas da cidade.

Eramos chamados pela directoria que transformara o seu gabinete em appetitoso *buffet* onde só penetravam os representantes da imprensa e pessoas gradas. Ahi trocavam-se brindes e está bem entendido que sempre era a sociedade que nesse momento brindavamos a que mais se tinha distinguido.

E assim corriamos todas ellas; iamos a cinco ou seis, fazendo a todas o mesmo cumprimento.

N'uma d'essas occasiões um socio dos mais exaltados chegou-se a nós e, mostrando o numero d'*O Paiz* que trazia a descripção dos diversos prestitos sahidos no domingo de carnaval, disse-nos com ar bastante contrariado: Este jornal commetteu a maior das injustiças! Vejam só que palavras pomposas emprega para as outras sociedades, emquanto que para a nossa, que conquistou a palma este anno, deitou uns elogios verdadeiramente pifios e sem graça!

Não ha tal, dissemos-lhe. Quem fez a descripção não podia empregar os mesmos termos; já tinha esgotado todos os adjectivos e não queria repetil-os. Em compensação, deve observar que de todos os artigos, o que trata da sua sociedade é o mais comprido, e isto constitue a prova mais patente de que esse jornal considerou o seu prestito o mais brilhante e applaudido!

O homem ficou convencido e radiante.

D'ahi a pouco chegou o representante d'*O Paiz* que, como nós, visitava os diversos clubs carnavalescos n'essa noite.

O collega foi recebido com enthusiasmo!

Uma salva de garrafas de champagne e uns *hipps!* e *hurrahs!* restabeleceram a boa harmonia e a popularidade d'*O Paiz*.

Felizmente o artigo em questão era mais comprido que os outros de nove linhas!

ESBOÇO HISTORICO DA CARNE VERDE

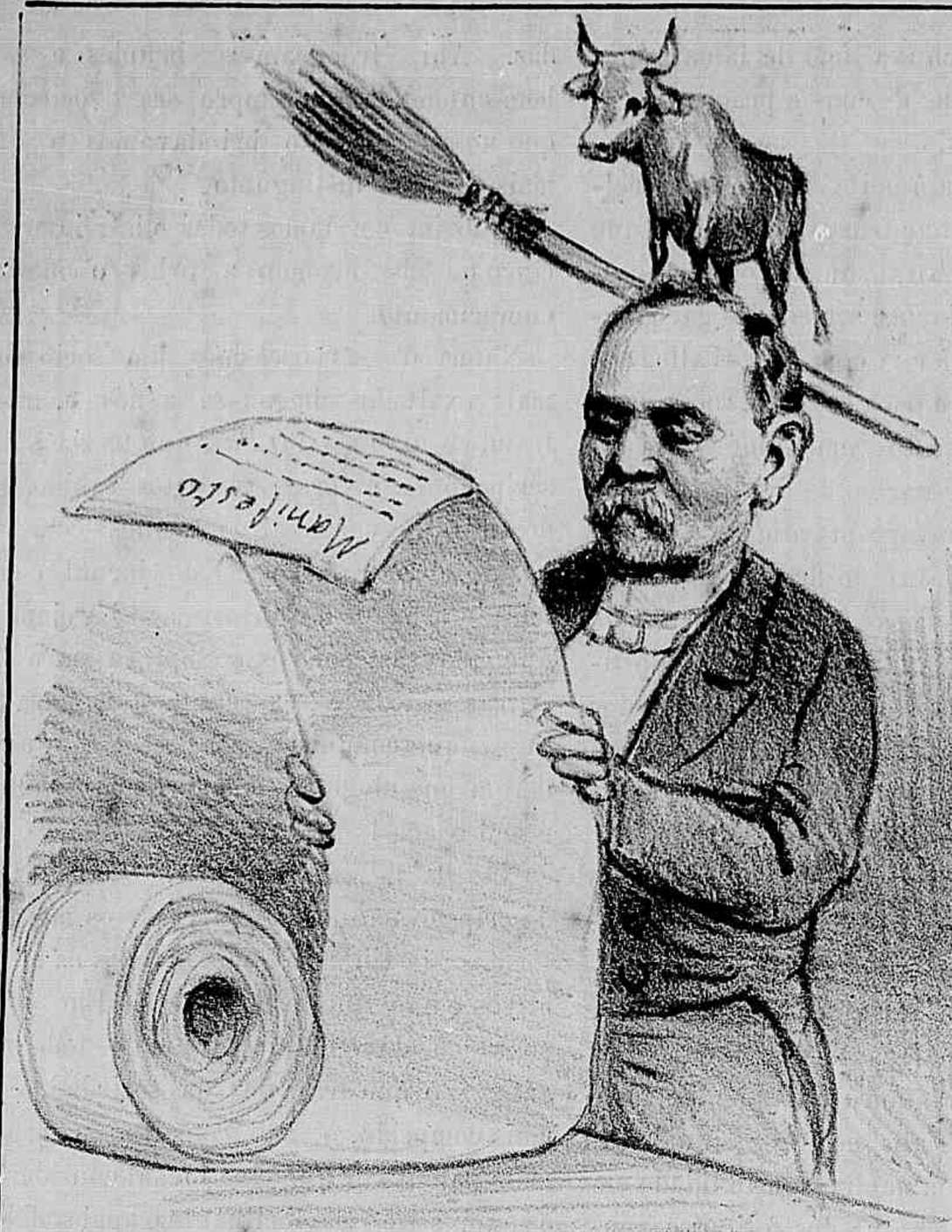
(Continuação)

Habilmente interrogado, o general Hora. . . contou tudo quanto se passara nos campos de Santa Cruz, dando a entender que o exercito bovino ameaçava de o largar e que sua posição tornava-se insustentavel.

—Fiz o que pude para embrulhar a empreza de que seu socio, mas estou vendo que meus cobres estão a arder e si conseguirmos fazel-a cahir, abrindo-lhe a falencia, lá se vão meus ricos 200 contos.

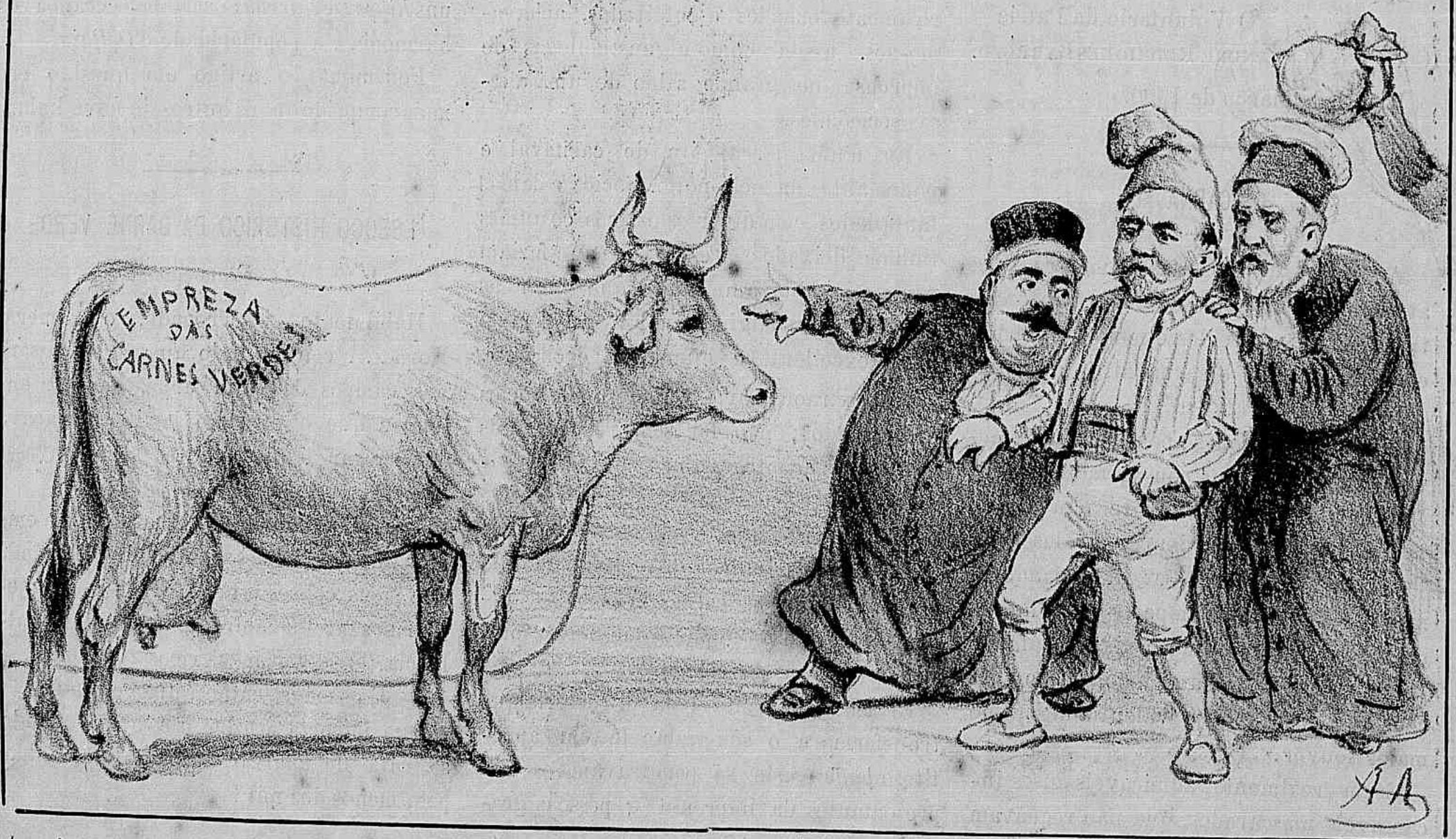
— E os meus, então? disse o Chefe.

Que importa perder duzentos, quando se trata de agarrar o contrato e ganhar pelo menos dez mil!

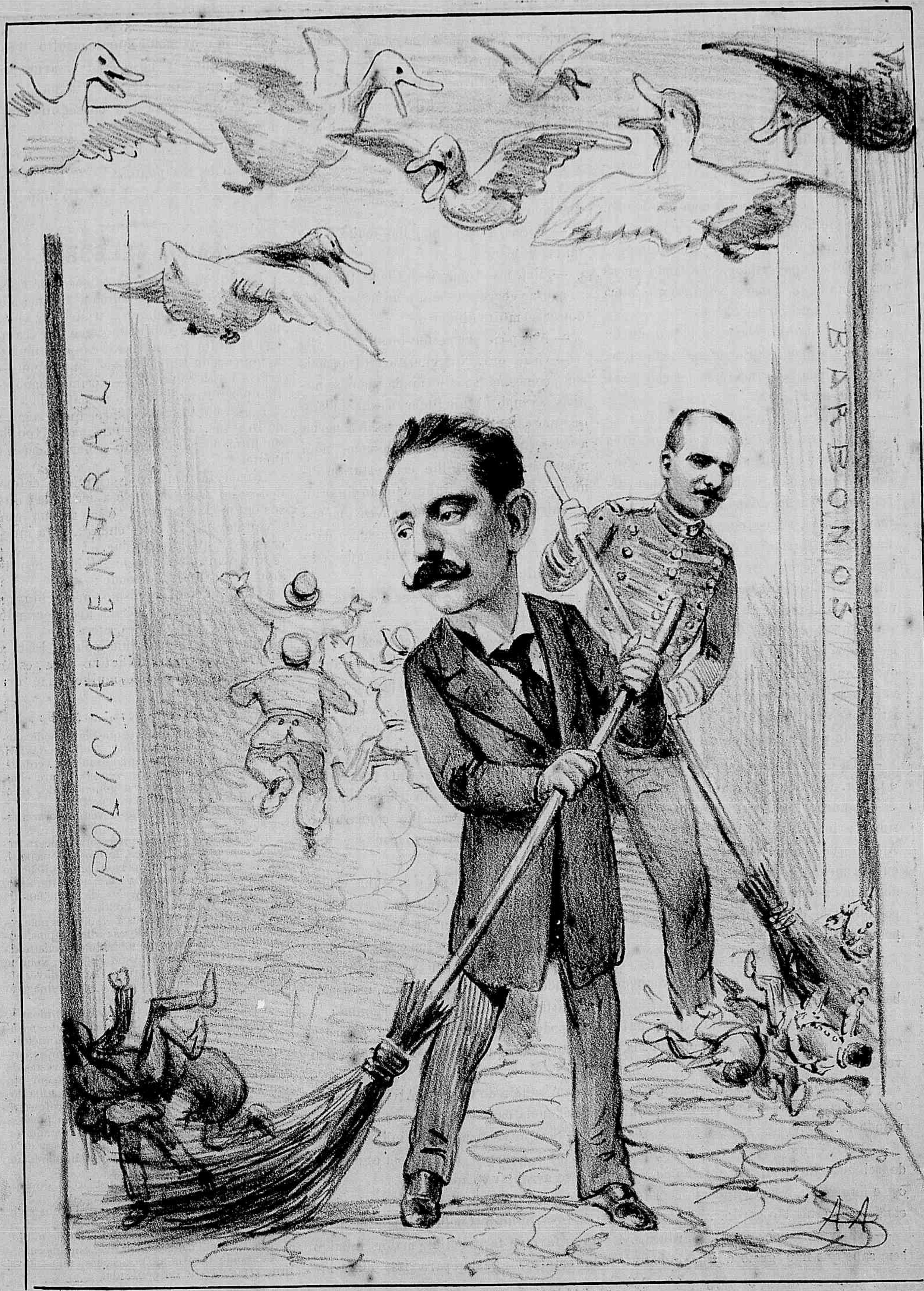


No seu manifesto, o novo prefeito declarou serem as questões da carne verde e do lixo as que mais lhe preoccupam o espirito e lhe atormentam a cabeça.

Prof. — Pelo meu manifesto ficas sabendo que quem manda agora sou eu!
Cap.ª — Ora... Você é tão pequenino...



Vendo a má disposição do prefeito contra a Empreza, os advogados dos trapaceiros procuraram-no hontem para excital-o contra a cubiçada vacca. 'A unha! disse o pae, á unha! disse o filho,.. aos cobres! disse o... espirito santo.



Todos estes dias tem havido boatos no ar e grande limpeza de cidadãos, tanto na central como nos Barbonos. O que será? ...

— Mas esses duzentos foram á custa do meu suor.

— Diga antes do suor dos boiadeiros, a quem. . .

— Homem, acabem com isso, disse o amigo conselheiro e chefe juridico. Vocês bem sabem que as cousas correm perfeitamente.

Já fallei com o juiz e com o escrivão, ambos são nossos ; que mais querem?

Pois não lhe fiz obter a manutenção da boiada e do escriptorio e de tudo o mais em Santa Cruz, como se você fosse o unico dono da Empreza das Carnes ?

— Ora, muito obrigado ! Isto durou apenas uns dias e tiraram-me tudo outra vez. E ainda por cima meus socios puzeram-me na rua. . .

—Pois a justiça é assim mesmo.

Um juiz manda fazer uma cousa e outro juiz manda desmanchal-a. Si todas as causas ou demandas se resolvessem logo pelo direito e pela justiça, dando razão a quem a tem, os autos, em logar de terem 50 centimetros de altura,que é a media, teriam apenas um centimetro e os escrivães e advogados, solicitadores e todo o fôro morreriam á fome.

— Eu não sei, disse o general Hora. . . mas todos que me fallam nesse negocio dizem que procedi mal com a empreza e não passo de um traidor e trapasseiro ; isto pouco me importaria si não fosse o receio de perder aquelles cobres. . .

— Tu és uma besta e um medroso, disse o Chefe. Não acha, mestre Hila...

— Se acho ? o Hora. . . sempre foi assim. . . não anda sinão marombando. Aposto que quando sahir d'aqui elle procurará meios e modos de fallar com um dos seus ex-socios, com o fim de ver se ha possibilidade de entrar de novo na empreza. . .

— Não duvido, esse gran. . .

—E' assim mesmo e eu que o conheço bem sei do que é capaz.

— Por isso, como já lhe disse, eu conto com você ; o que eu preciso é de homens e você é um homem, disse o Chefe.

— E então eu o que sou ? perguntou o conselheiro juridico, que vinha approximando-se.

— Você é um genio, você é um poço de sciencia juridica, um abysmo de astucia e finura. . . Não vá inchar com estes elogios ; já estás tão gordo. . .

— Ahi vem você com a gordura. . . bem sabe que não gosto d'isso. Pelo contrario, eu acho que tenho emmagrecido.

— Você magro !

— Não direi como um espeto, mas que tenho perdido alguns kilos com tanto trabalho, ora procurando o juiz, ora o escrivão, ora o tabellião...

Pois isto é brinquedo ?!

A proposito de escrivão... eu preciso de uns cobres...

— O que ! Pois já não lhe tenho dado tantas vezes .

— Sim, mas bem sabe o Chefe que para as cousas correrem bem e ao nosso geito, é preciso muito dinheiro.

— Mas póde prometter-lhes...

— Ora, ora. Ninguem acredita mais em promessas suas e ainda menos minhas. Já não ha ninguem n'esta cidade que não saiba que o Chefe passou a perna a todos, não pagando a ninguem, nem mesmo áquelles que lhe emprestaram dinheiro quando não tinha e o auxiliaram a ganhar uma grande fortuna em menos de dois annos. *D. Quixote* assim o dá a entender e o Chefe bem sabe que esse jornal falla verdade...

— Não me amole com essas cousas, exclamou o Chefe irritado.

—Pois então passe para cá os cobres que já disse e vamos tratar do negocio, aproveitando a entrada do novo prefeito para ageital-o a nosso favor.

— Você acha que com elle ha meio de se fazer alguma cousa ?

— Com toda a certeza. O meu velho disse que nunca vira toupeira maior. No tempo da monarchia não lhe confiaram o menor cargo administrativo por ser tido como incapaz.

Já preparei as cousas e amanhã vamos ter com elle, lá na Prefeitura. Levamos o Hora... ; faço-lhe ver que este é uma victima de seus socios, que esses senhores o puzeram na rua, por ser um homem honrado ! e que elle, prefeito, não póde permittir semelhante pouca vergonha !

E podemos accrescentar que a empreza já não tem mais capital, nem *stock* nem nada.

— A sahida do Cesario Alvim foi uma providencia para nós.

— Sem duvida, aquelle tinha os olhos abertos e é muito fino... Com esse é que não se arranjava nada.

Acredite o Chefe que em menos de cinco minutos ponho o Coelho inteiramente a nosso favor e faço d'elle o maior inimigo da empreza. Basta para isso dizer-lhe que elle é o maior jurisconsulto d'esta terra e que os nossos adversarios pretendem que seja o Ulysses Vianna.

— E você acha que conseguiremos o nosso fim?

— Pois o Chefe não vê que os nossos adversarios são ineptos?!

(*Continúa*).

CAUSA CELEBRE

Lendo o folhetim do «Jornal do Commercio» *Sem Rumo*, assignado G., ficámos devéras impressionados e tristes por ver o modo injurioso e injusto como são tratadas as mulheres em geral e especialmente a desgraçada Luiza Masset, que pagou—é esta a nossa convicção—o crime commettido por outros, subindo ao patibulo !

N'essa causa tão celebre, quasi como a de Dreyfus, a justiça humana deixou de ser humana para tornar-se feroz, cruel e infame !

A energia com que essa mulher defendeu-se do crime de que era accusada e que sustentou até morrer, é a mesma que teve Dreyfus. E esta energia só a innocencia é a que a póde dar.

Entretanto, G. no seu folhetim insulta ainda essa infeliz, dizendo :

«Com incrivel cynismo proseguiu na comedia de dissimulação, architectando habilissimas explicações, etc.»

Para quem reflecte um pouco, basta a leitura do proprio folhetim para estar convencido de que essa mulher não era culpada.

Leiam e julguem :

« Impossivel calcular até que ponto póde chegar a dissimulação da mulher. As filhas de Eva dispõem de mil astucias para esconder a verdade; a arte de mentir não tem segredos para ellas. (Está claro que me refiro á generalidade, reconhecendo aliás numerosas excepções.)

O processo de Luiza Masset vem roborar a asserção.

Luiza Masset era uma professora franceza residente em Londres. Moça, formosa, dona de si, deixou-se seduzir por um personagem, cujo nome se conserva até hoje mysterioso. Nasceu um filho, que foi entregue aos cuidados de uma familia burgueza dos arredores de Londres.

Ao completar tres annos a criança, a mãe retirou-a da casa dos educadores ; dias depois, entrando duas viajantes no gabinete de toilette da estação de Dalston, viram no chão um volume embrulhado n'um chale preto. Era o cadaver do menino, inteiramente nú, com o rosto esmagado por um tijolo, os olhos fóra das orbitas.

A policia, após varias pesquizas preliminares, que não menciono, afim de ser resumido, resolveu deter Luiza, como suspeita de infanticidio. Os indicios contra ella crão bastante compromettedores, especialmente o seguinte : as vestes da criança foram encontradas envolvidas em um jornal rasgado, e atiradas ao meio de uma floresta. A policia, devassando a casa da professora, descobriu na gaveta de sua commoda, precisamente o pedaço que faltava ao jornal rasgado.

Luiza Masset moveu céos e terra, chorando e gemendo, no intuito de convencer a humanidade da sua perfeita innocencia.

Durou quasi um anno a instrucção do processo.

O tribunal do jury gastou nove dias em ouvir testemunhas.

E finalmente condemnou-a á pena de morte.

Ella, porém, moça e bella, não esmoreceu.

Contando com altas protecções, alimentava firme esperança de ser perdoada.

Arranjou para seu advogado um lord, notavel jurisconsulto, sobrinho ou primo do actual primeiro ministro, marquez de Salisbury.

68 jornaes do Reino Unido esposaram a causa da sua innocencia, publicando diariamente longos e ardentes artigos de defesa, concitando o sexo feminino do Universo a interceder em favor da infeliz victima de um erro judiciario.

A propaganda deu resultado.

A rainha recebeu varias petições assignadas por milhares de senhoras.

Todos os corações sensiveis da Europa palpitavam de compaixão pela sorte da desgraçada professora.

Entretanto, o *home secretary*, o ministro do interior, se mantinha inflexivel. Ha de ser enforcada, porque matou o filho! (Na Inglaterra, como se sabe, o poder da rainha é todo nominal, são os ministros que governam e administram.)

Visitada na prisão por numerosos protectores e protectoras, Luiza se desfazia em pranto doloroso, com acento lancinante, mostrando-se mais angustiada com a perda do seu bem-amado filho do que pela perspectiva da forca.

Novas petições á ranha, novas intervenções poderosas para lhe salvarem a vida.

A nada se dobrou o ministro do interior.

Ha de ser enforcada!

A imaginação de Luiza forgicou á ultima hora mais duas testemunhas de defesa. Foram recusadas por virem tarde.

. . . . . .

No dia 9 de janeiro do anno corrente, ás 9 horas da manhã, no pateo da prisão de Newgate, teve logar a execução. O sangue-frio da condemnada não se desmentiu um só momento. Appareceu á porta vestida de preto, cabellos amarrados ao alto da cabeça, mãos, ligadas ás costas. Caminhou sosinha, com passo firme, até ao cadafalso. Ahi pediu para dizer quatro palavras.

Esperava-se que mais uma vez, no supremo momento, ella proclamasse a sua innocencia.

Mas não.

Luiza Masset declarou o seguinte:

E' justo o castigo que vou soffrer. »

E' uma mentira! Luiza Masset disse: *E' injusto o castigo que vou soffrer*!

Mas convinha enganar a opinião publica, que julgava a mulher innocente e mostrava-se bastante irritada contra tamanha crueldade.

Que interesse poderia ter essa mulher em declarar-se culpada na hora da morte, desmentindo-se perante o mundo, de que mais nada esperava, quando poucas horas antes de comparecer diante de Deus confessara-se innocente ao sacerdote que a acompanhou até o ultimo momento!

Si este cahiu para tráz com um deliquio foi por ver commetter-se a maior das infamias, assassinando uma innocente

Não comprehendeu G. que esse *padre livido de emoção e piedade e que pretendeu tentar um supremo esforço no intuito de adiar de algumas horas a consummação da sentença* é porque soube, pela confissão da infeliz, que ella era innocente e que *a* culpado era outro!

Continuamos a leitura do folhetim:

. . . . . .

A estupefacção causada no publico por essa inesperada confissão, proveiu inda mais da prodigiosa comedia de fingimento representada por aquella mulher durante tanto tempo, sem um instante de hesitação ou de desfallecimento do que do proprio horror despertado pelo abominavel crime.

O retalho de jornal encontrado na sua commoda, coincidindo perfeitamente, com a parte em que fôra embrulhado o cadaver da criança e com manchas de sangue, constituia a prova esmagadora do delicto. Era a evidencia. Outro qualquer réo se renderia á evidencia, abandonando uma defesa impossivel.

A terrivel professora nem mesmo mostrou perturbação. Com incrivel cynismo proseguiu na comedia de dissimulação, architectando habilissimas explicações, engenhosos arrazoados de espantar os mais tortuosos chicanistas. Possuiao dom, commum ao seu sexo, de chorar quando o queria.

Momentos antes de subir ao patibulo ella derramara copioso pranto sobre o seio do capellão catholico, seu confessor, jurando por toda a côrte celestial ser victima de um erro da justiça humana.

O padre, livido de emoção e piedade, pretendeu tentar um supremo esforço junto ao Governador da prisão, no intuito de adiar de algumas horas a consumação da sentença. Não o conseguio. Quando a ouviu confessar o crime, cahio para trás com um deliquio.

A causa *Luiza Masset* teve na Inglaterra uma repercussão quasi igual á da questão Dreyfus em França, porém de effeito ás avéssas, Dreyfus era innocente, ella culpada.

. . . . . .

Mentem todos que disseram isso.

Si Dreyfus tivesse sido fusilado ou tivesse succumbido na ilha para onde o enviaram, todos supporiam hoje ter elle sido realmente um traidor.

Si o infame ministro do interior, o *home secretary*, quiz por força que essa mulher morresse, é para que não se descobrisse mais tarde o verdadeiro culpado, um alto personagem, um principe, um parente do juiz talvez!

Quanto ás taes provas que convenceram o ingenuo G. da culpabilidade de Luiza Masset, declaramos que não provam cousa alguma.

O tal pedaço de jornal encontrado na gaveta póde muito bem ter sido alli posto propositalmente pelos proprios culpados, com o fim de perdel-a.

E o dito jornal, embrulhando as vestes ensanguentadas... Quem poderia encontrar o sinistro embrulho escondido no meio de uma floresta, sinão os proprios culpados que para lá o levaram?

E' possivel suppôr-se que Luiza Masset, que tantas provas dera de amar seu filho durante os tres annos que elle viveu, se resolvesse de repente a matal-o e largar o cadaver da pobre criança n'uma estação da estrada de ferro?!

Essa mulher que G. disse ser tão intelligente, tão astuciosa, não teria achado logar mais apropriado para escondel-o?

Pois não está bem provado que em tudo isto ha um terrivel mysterio?

Não seria a primeira vez que altos personagens encarregam alguns miseraveis de commetterem crimes d'esta ordem...

Pobre Luiza Masset!

——

Faça *amande honorable* G. e peça desculpa ás mulheres do que disse.

CALINO MANIFESTA-SE

O prefeito deito u manifesto e lá vimos publicado na *Gazeta de Noticias* o seguinte:

«A limpeza publica e o contrato das carnes verdes são os dois negocios que mais o têm preoccupado; um, pelo grande *deficit* que trouxe ao orçamento vigente, o outro pelo estado anormal em que encontrou a firma que o explora. Aquelle, o serviço de limpeza publica, será objecto de uma proposta especial, se antes não conseguir libertar a sua despeza por um contrato vantajoso e garantido.

Acha o unico matadouro mão e situado longe, a alimentação insufficiente graças ao monopolio das carnes verdes, cujo contrato, declara, não o teria feito, mas que manterá por honra da administração que o fez.»

D'ahi deduz-se que o prefeito não tem positivamente o juizo no seu perfeito estado.

Em primeiro logar nada tem com o estado anormal em que encontrou a firma que explora o abastecimento da carne, logo que esta cumpre fielmente seu contrato.

E é para poder sempre cumpril-o que a dita firma viu-se na obrigação de por fora um socio trapasseiro que poderia prejudical-a.

Quanto ao matadouro ser longe, não tem disto culpa a firma e suppomos que o Sr. prefeito não ha de querer obrigar esta a trazel-o para o centro da cidade.

Sobre a questão do monopolio o Sr. prefeito ainda dá a maior prova de ignorancia sobre esse assumpto, não reconhecendo que o contrato das carnes verdes acabou com o verdadeiro monopolio de facto que existia antigamente e tanto prejuizo causava á população do Rio de Janeiro.

Emfim, o Sr. Coelho Rodrigues bem mostrou o que elle é.

——

O Dr. Chapot Prévost com o seu relatorio sobre o gado de Santa Cruz deu a maior prova de que como *maitre chanteur* não tem rival.

O Dr. Cotrim, director de hygiene, bem o deu a entender na informação que dirigiu ao Sr. prefeito e da qual mais tarde nos occuparemos por faltar-nos espaço n'este numero.

Basta dizer que o collega d' *A Tribuna achi surprehendente esse documento*!

Havemos de ver em que ficarão todas essas chantagens...

NOSSA ESTANTE

——

Recebemos e agradecemos:

REVISTA CATHARINENSE; n. 2 — Publicação mensal destinada á defesa dos interesses do Estado de Santa Catharina.

Collaborada por um sem numero de escriptores, não sabemos realmente como podem caber em tão pequena e interessante revista. Apezar de bem apertadinhos, sempre conseguem apresentar bellos artigos e excellentes versos. Saudamos o collega desejando-lhe vida longa.

SUGGESTÃO CURATIVA; dos Drs. Marcio Nery e Henrique de Sá.

Ainda não tivemos tempo de lêr esse relatorio, o que faremos mais tarde, pois muito nos interessa saber a opinião que emittiram sobre este importante assumpto os dois distinctos medicos.

LA VEZZOZA — Mazurka do Sr. Cesare Bonafous. Editores E. Bevilacqua & Comp.

EU TE AMO! — Romance para tenor ou soprano. Poesia de Luiz Edmundo; musica de Cavalier Darbilly.

Editores, os ditos.

DANSEMOS!!! — Polka de Cesare Bonafous.

Editores, os ditos.

ALCAZAR-PARQUE — Convite para a representação especial que se realisou no dia 1 do corrente.

Não pudemos ir, mas lá iremos.

BIBLIOTHECA NACIONAL
E PUBLICA
RIO DE JANEIRO

LEÃO XIII

2 de Março de 1900, 90.º anniversario natalicio de Sua Santidade.